



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 10 - Edição 21 - Março de 2017

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/canaldoprodutor
instagram.com/cna_brasil

www.cnabrasil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

Como Safra 2016/2017 indica margem positiva com soja

O preço de nivelamento (custo operacional efetivo "COE" por saca de 60 quilos) da soja tolerante ao herbicida e resistente a lagartas (comercialmente conhecido como Intacta) para a safra 2016/2017 está menor que a cotação da saca comercializada nas principais regiões produtoras do País, indicando margem positiva ao sojicultor. O melhor resultado fica com Cascavel (PR), onde a oleaginosa foi vendida a R\$ 65,87/sc em jan/2017, ante um preço de nivelamento calculado em R\$ 37,51/sc, considerando um custo operacional efetivo (COE) médio de R\$ 2.438,10/ha de fevereiro a outubro de 2016 – período de maior comercialização de insumos para a produção de soja – e uma produtividade média esperada, para esta temporada, de 65 scs/ha. Como resultado, o sojicultor paranaense obtém uma margem de R\$ 1.843,45/ha sobre o custo operacional efetivo.

Segundo agentes, até a primeira quinzena de fevereiro, 30% da área total cultivada com a oleaginosa da safra 2016/2017 em Cascavel (PR) havia sido colhida. As primeiras lavouras foram dessecadas antes do período ideal, em janeiro, o que pode limitar o rendimento. Até o momento, foram realizadas, em média, quatro aplicações de fungicidas, principalmente para o controle da ferrugem.

Em Rio Verde (GO), o preço de nivelamento foi calculado em R\$ 38,74/sc para um custo operacional efetivo (COE) de R\$ 2.324,23/ha, ante a média da saca de soja de R\$ 65,37 em jan/2017, resultando num saldo positivo de R\$ 1.597,97/ha. Estimada inicialmente em 60sc/ha, a produtividade na região goiana pode ser reduzida, tendo em vista o clima seco entre final de dezembro e início de janeiro, que prejudicou principalmente as lavouras tardias de soja. Com o retorno das chuvas na segunda quinzena de janeiro, a qualidade dos grãos voltou a melhorar, embora o ritmo das atividades de colheita tenha diminuído.

Em Mato Grosso, as regiões acompanhadas pelo Cepea também apresentam resultados positivos. Em Sorriso (MT), a média do COE é de R\$ 2.417,27/ha e, com a expectativa de produtividade média próxima de 60 sc/ha, o preço de nivelamento obtido foi de R\$ 40,29/sc. Com a cotação média da saca de soja em janeiro atingindo R\$ 58,35, a margem estimada é positiva em R\$ 1.083,73/ha. Em Primavera do Leste (MT), o saldo foi calculado em R\$ 1.057,13, a partir de um preço de nivelamento de R\$ 42,16/sc e da média da saca de soja em jan/2017 de R\$ 59,78. Nessa praça, o custo operacional efetivo (COE) médio de fev/2016 a out/2016 foi de R\$ 2.529,67/ha e a produtividade é esperada em 60 scs/ha.

No estado de MT, as chuvas mais frequentes e intensas em relação à safra anterior, principalmente em janeiro, chegaram a prejudicar parte da colheita e da qualidade da oleaginosa. Segundo colaboradores do Cepea, há casos de soja germinando no pé e apodrecimento de grãos, devido à elevada umidade. Em Sorriso (MT), 70% da área plantada com a cultura foi colhida até a primeira quinzena de fevereiro, e, em Primavera do Leste (MT), a colheita atingiu 65% do total cultivado até a primeira quinzena de fevereiro.

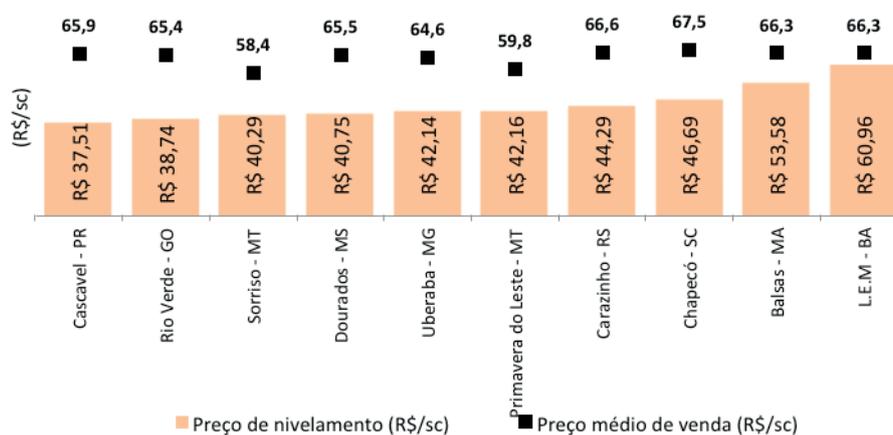
No Sul do País, as margens obtidas foram semelhantes para sojicultores de Passo Fundo (RS) e Chapecó (SC). Na região gaúcha, o COE médio para soja Intacta de R\$ 2.878,69/ha e a expectativa de produtividade de 65 sc/ha resultaram em um preço de nivelamento de R\$ 44,29/sc, ante a cotação média da soja em jan/2017 de R\$ 66,63/sc. Assim, o saldo positivo foi estimado em R\$ 1.452,26/ha. Em Chapecó (SC), a margem é de R\$ 1.372,21/ha, considerando-se a média da soja comercializada em jan/2017, de R\$ 67,46/sc, e o preço de nivelamento de R\$ 46,35/sc, obtido a partir de um custo operacional

efetivo (COE) médio de R\$ 3.012,59/ha e uma produtividade média de 65 sc/ha. A colheita da oleaginosa deve ter início entre a última semana de fevereiro e a primeira de março. Até o momento, foram realizadas em média três aplicações de fungicidas em Passo Fundo (RS) e duas em Chapecó (SC).

No Nordeste, região que apresentou os preços de nivelamento mais altos, o melhor resultado é obtido por produtores de Balsas (MA), com margem positiva de R\$ 1.233,86/ha. Nessa região, o custo operacional efetivo (COE) médio foi de R\$ 2.410,99/ha e a produtividade esperada, de 55 sc/ha, resultando em um preço de nivelamento de R\$ 43,84/sc, ante a média de R\$ 66,27 da saca de soja comercializada na região em jan/2017. Até a primeira quinzena de fevereiro, apenas 5% da área cultivada em Balsas (MA) havia sido colhida. Parte da oleaginosa teve a produtividade reduzida, visto que as chuvas se regularizaram apenas na segunda quinzena de janeiro.

Em Luís Eduardo Magalhães, oeste da Bahia, o saldo positivo foi calculado em R\$ 464,49/ha. O custo operacional efetivo (COE) médio nessa região foi de R\$ 3.047,82/ha, 26% superior ao da praça maranhense, devido principalmente aos gastos com fungicidas. Diante do COE elevado e da produtividade esperada em 53 sc/ha, o preço de nivelamento de Luís Eduardo Magalhães (BA) foi de R\$ 57,51/sc, ante uma cotação média da saca de soja de R\$ 66,27/sc em jan/2017. A expectativa é que a colheita da soja se inicie na segunda quinzena de fevereiro. Mesmo com períodos de veranico em algumas áreas entre dez/2016 e jan/2017, a retomada das chuvas na segunda quinzena de janeiro gera expectativas de resultados melhores que os da safra anterior.

Figura 1. Preço médio de venda da soja e preço de nivelamento na safra 2016/2017



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP.

Custo com fungicidas para soja aumenta nas safras 2015/2016 e 2016/2017

Os gastos com a compra de fungicidas nas safras de soja 2015/2016 e 2016/2017 aumentaram fortemente nas principais regiões do Sul do País e do sul de Mato Grosso do Sul. Além da alta nos preços desses insumos, o clima chuvoso elevou o número de aplicações necessárias para controle de doenças em relação à temporada 2014/2015.

Segundo levantamento do Cepea, na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, o gasto com fungicida subiu 70% na safra 2015/2016, em relação à temporada anterior. Em Guarapuava (PR), o custo com esses defensivos dobrou no período e, em Cascavel (PR), teve alta de 90%. Para safra 2016/2017, o aumento médio do gasto com fungicidas no custo de produção foi de 33% em relação à temporada anterior. O aumento no preço dos fungicidas foi o principal fator dessa elevação dos custos.

Para o fungicida azoxistrobina + benzovindiflupyr, utilizado principalmente no controle da ferrugem, os desembolsos aumentaram 44% em 2016, frente a 2015, na média das regiões acompanhadas. A maior alta, de 74%, ficou com Guarapuava (PR). Os defensivos utilizados na safra 2016/2017 foram adquiridos antecipadamente, no correr de 2016.

Mais utilizado em todas regiões, o protioconazol + trifloxistrobina teve aumento médio de 23% nos preços de venda entre as praças observadas em 2016. Em Cascavel (PR), o fungicida chegou a ficar 35% mais caro que em 2015.

O preço do fungicida azoxistrobina + ciproconazol na safra 2015/2016 subiu 31% frente à anterior, na média das regiões. Em Guarapuava (PR), o produto encareceu

46% e, em Cascavel (PR), 39% no mesmo período.

Utilizado com frequência ao longo da temporada 2015/2016, o mancozebe teve aumento de 40% no preço médio de 2015 para 2016. Em Cascavel (PR) e Dourados (MS), o produto ficou 60% e 20%, respectivamente, mais caro.

APLICAÇÕES – Em Passo Fundo (RS), foram realizadas cinco aplicações de fungicidas nas safras 2015/2016, uma a mais que na 2014/2015, seguido por Guarapuava (PR), com quatro aplicações, e Cascavel (PR) e Dourados (PR), com três aplicações cada.

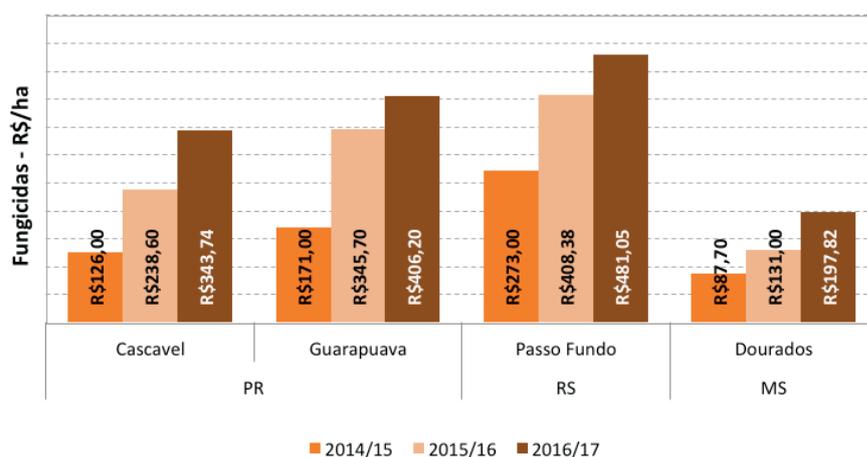
Além da pulverização adicional de fungicidas, em todas as regiões, foram utilizados produtos mais caros no controle da ferrugem, como o azoxistrobina + benzovindiflupyr. Em Guarapuava, ainda foi verificada

a aplicação de fungicidas protetores, como o mancozebe, em conjunto com os sistêmicos para controle da ferrugem, elevando os custos.

Já para a safra 2017/2018, são observados preços de venda mais baixos para alguns produtos analisados. O azoxistrobina + benzovindiflupyr, insumo mais caro para controle de ferrugem, ficou, em média, 7% mais barato no primeiro bimestre de 2017 quando comparado ao mesmo período de 2016. Para o azoxistrobina + ciproconazol, houve redução de 5%.

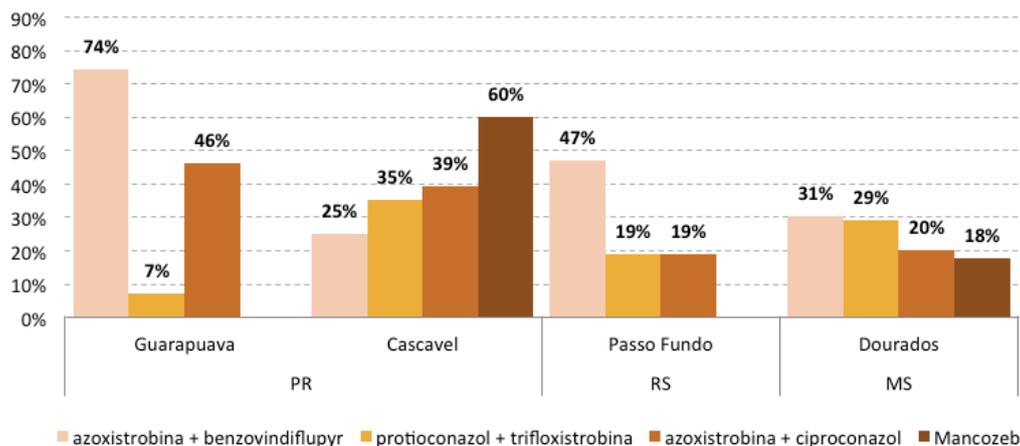
Por outro lado, o protioconazol + trifloxistrobina encareceu, em média, 4% comparando-se os dois primeiros meses de 2017 com igual intervalo de 2016. O mancozebe também ficou mais caro no período: 3%, em média.

Figura 2. Evolução do custo médio com fungicidas (R\$/ha) nas regiões de Cascavel (PR), Guarapuava (PR), Passo Fundo (RS) e Dourados (MS) nas safras 2014/2015, 2015/2016 e 2016/2017.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP.

Figura 3. Diferença nos preços de venda dos fungicidas analisados, entre as safras 2015/2016 e 2016/2017 nas regiões de Guarapuava (PR), Cascavel (PR), Passo Fundo (RS) e Dourados (MS).



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP.

Arroz sinaliza cenário positivo e trigo negativo nas regiões produtoras do Sul do País

Análises do Cepea indicam que a safra 2016/2017 de arroz deve apresentar resultados positivos, com preço de nivelamento (valor mínimo para cobrir o COE – custo operacional efetivo do saco de arroz por hectare) acima do preço de venda do cereal. Quanto ao trigo, por outro lado, os resultados das simulações feitas pelo Cepea indicam que a cultura pode registrar preço de nivelamento acima do preço de venda em todas as praças produtoras.

Para o trigo, as regiões de Guarapuava (PR), Cascavel (PR) e Passo Fundo (RS) foram analisadas e, para o arroz irrigado, a região de Uruguaiana (RS). Nas simulações dos preços de nivelamento foram utilizados os Custos Operacionais Efetivos de janeiro/2017 para o trigo e uma média de abril a setembro/2016 nas simulações para o arroz. As produtividades típicas das regiões e os preços médios de venda das sacas de trigo (60kg) e arroz (50kg) foram referentes ao mês de janeiro de 2017.

Em Guarapuava (PR), o trigo apresentou custo operacional efetivo (COE) de R\$ 1.876,39/ha e produtividade média de 50 sc/ha, com preço de nivelamento de R\$ 37,53/ha. Considerando o valor médio de venda de R\$ 32,27/sc, a margem é negativa em R\$ 263,01/ha. Cenário semelhante é observado em Cascavel (PR), com custo operacional efetivo (COE) de R\$ 1.717,24/ha, produtividade média de 50 sc/ha, preço de venda de R\$ 31,86/sc e preço de nivelamento de R\$ 34,34/sc. Neste cenário a margem é negativa em R\$ 124,18/ha. Em Passo Fundo (RS), apesar de a região registrar o menor custo operacional efetivo

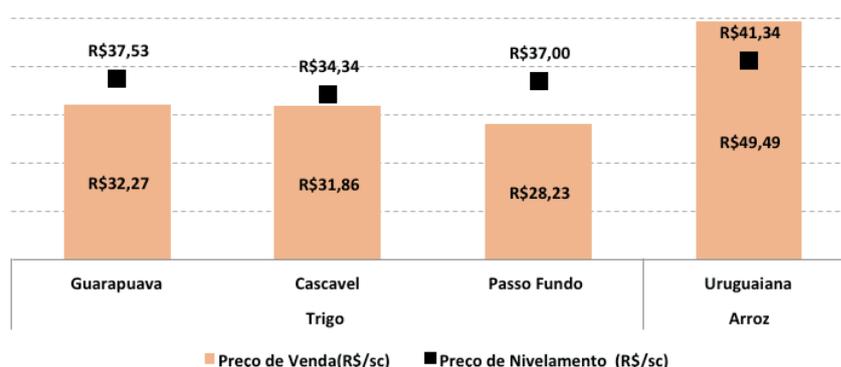
(COE) para o trigo dentre as regiões analisadas, de R\$ 1.701,86/ha e produtividade de 46 sc/ha, o preço de nivelamento foi o mais alto R\$ 37,00/sc, o que se justifica pela menor cotação média de venda na região, de R\$ 28,23/sc.

Segundo agentes consultados pelo Cepea, a comercialização de insumos para o cultivo do trigo na região Sul já começou neste ano, sendo a maior parte correspondente a fertilizantes. Em Cascavel (PR), a comercialização de adubos havia atingido 5% na primeira quinzena de fevereiro. Em Londrina (PR), os negócios chegaram a 10% no mesmo período. Quanto ao comércio de sementes, apenas especulações sobre venda têm sido observadas. Apesar de as negociações para a safra estarem em andamento, a área plantada com trigo deve diminuir, devido aos baixos preços pagos pelo cereal.

Quanto ao arroz, no Rio Grande do Sul (RS) as lavouras iniciaram o ano com bom desenvolvimento, já que as condições climáticas estavam favoráveis no final de 2016. As chuvas do início de janeiro, aliadas às altas temperaturas no período, também contribuíram para a evolução satisfatória do cereal. Além disso, produtores não tiveram dificuldades para controlar pragas e doenças nesta temporada. A colheita deve ter início a partir da segunda quinzena de fevereiro, se intensificando em março.

Em Uruguaiana (RS), o custo operacional efetivo (COE) foi de R\$ 5.995,39/ha, a produtividade típica, de 145 sc/ha e preço de nivelamento de R\$ 41,34/sc. Considerando-se o preço de venda de R\$ 49,49/sc, a margem obtida é de R\$ 1.181,65/ha em janeiro de 2017.

Figura 4. Preços de nivelamento e de venda do trigo (saca de 60 kg) em Guarapuava (PR), Cascavel (PR) e Passo Fundo (RS) e do arroz (saca de 50 kg) em Uruguaiana (RS), com base em janeiro de 2017



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP.

Poder de compra de produtor de grãos frente a fertilizantes é favorável

No início do plantio da segunda safra no Brasil, mesmo com o preço do milho em queda no mercado interno, a relação de troca do grão por fertilizantes segue mais vantajosa que no mesmo período do ano passado. A situação é ainda mais favorável aos agentes que deixaram para adquirir adubos na última hora: para comprar uma tonelada de todos os principais adubos intermediários houve necessidade de menos milho. Vale lembrar que, em meados de 2016, as cotações do milho atingiram um dos maiores patamares, em termos reais, desde 2002; porém, os valores têm recuado nos últimos meses.

No comparativo entre janeiro/2016 e o primeiro mês de 2017, os preços médios dos fertilizantes também caíram, devido principalmente à desvalorização de 21,23% do dólar frente ao Real, que passou da média de R\$ 4,05 em janeiro/2016 para R\$ 3,19 em janeiro/2017.

Dentre os adubos analisados no mercado interno, o que mais se desvalorizou entre jan/2016 e jan/2017 foi o MAP, com baixa de 32,5% em Luís Eduardo Magalhães (BA). Na região, o adubo passou de R\$ 2.147,50/t

para R\$ 1.450,00/t no primeiro mês deste ano. Em Cascavel (PR), a queda foi de 28,8% em Uberaba (MG), de 23,5%, e em Dourados (MS), de 23,3%.

Com a forte queda nos valores dos fertilizantes, a relação de troca do milho frente ao MAP passou de 71,1 para 54,8 sacas de milho em Cascavel (PR). Em Primavera do Leste (MT), foram necessárias 78,3 sacas em jan/2016 contra 62,4 no primeiro mês deste ano. Já na soja, os agricultores que planejam o plantio na próxima safra, a relação de troca da tonelada do MAP pela saca de 60 kg também caiu em Luís Eduardo Magalhães (BA), passando de 30 para 21,9 sacas. Em Sorriso (MT), o decréscimo foi de 34,4 para 28,3 sacas e, em Londrina (PR), de 29 para 23,4 sacas.

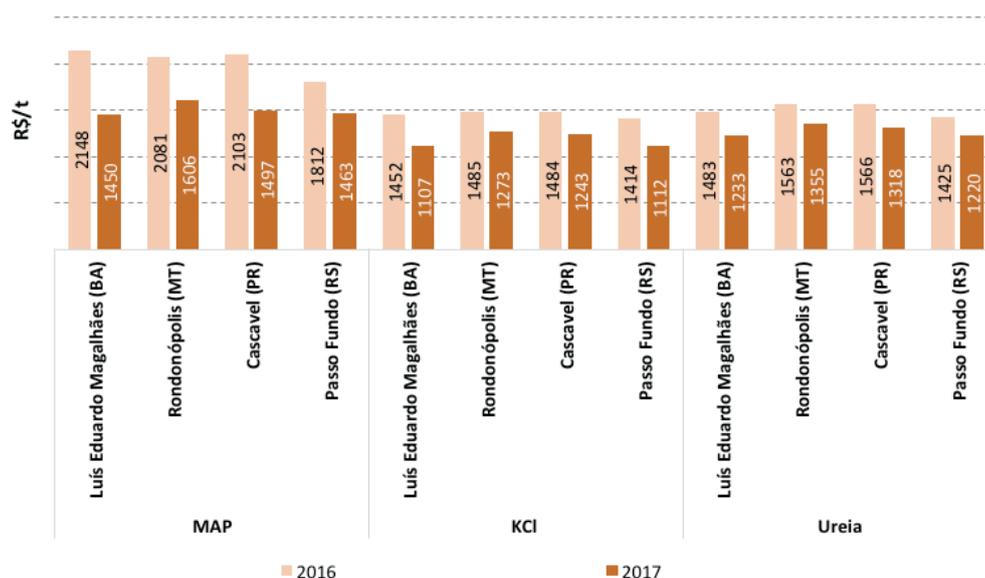
Quanto ao KCl (cloreto de potássio), a relação de troca também se mostra favorável ao produtor de grãos no comparativo de um ano. Em Luís Eduardo Magalhães (BA), o fertilizante se desvalorizou 23,8%, em Dourados (MS), 18,6%, em Passo Fundo (RS), 21,35% e, em Guarapuava (PR), 15,72%. O produtor de Campo Novo do Parecis (MT), precisava de 69,1 sacas de milho para comprar uma tonelada de

fertilizante em janeiro/2016 e, em janeiro/2017, precisou de 56 sacas. Em Rio Verde (GO), o volume de milho necessário para comprar uma tonelada de KCl passou de 52 para 43 sacas e, em Londrina (PR), de 48,8 para 44 sacas.

Quanto à soja, em Balsas (MA), a relação de troca passou de 19,6 para 17,4 sacas de 60 kg do grão. Em Sorriso (MT), a relação foi de 25,1 para 22,5 de soja por tonelada de fertilizante potássico, também favorável ao produtor de grãos.

No mesmo período, os fertilizantes nitrogenados também se desvalorizaram. Em Rondonópolis (MT), a queda nos preços da ureia foi de 13,30% entre jan/2016 e jan/2017, passando de R\$ 1.563,33/t para R\$ 1.355,26/t neste ano. Em Cascavel (PR), a desvalorização foi de 15,80%, em Chapécó (SC), de 8,46% e, em Uberaba (MG), de 11,37%. Em Minas Gerais, a relação passou de 47,1 para 42,2 sacas de milho por tonelada de ureia. Em Rondonópolis (MT), a relação de troca passou de 56,6 para 50,3 sacas e, em Passo Fundo (RS), de 46,9 para 41,7 sacas por tonelada do fertilizante.

Figura 5. Preços dos fertilizantes fosfatado, potássico e nitrogenado nos meses de janeiro de 2016 e 2017 nas regiões de Luís Eduardo Magalhães (BA), Rondonópolis (MT), Cascavel (PR) e Passo Fundo (RS).



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA, Cepea-Esalq/USP.